



Por Futuros Menos Sombrios

Finalizamos o ano com mais um número publicado da Cadernos de Gênero e Diversidade. Ano marcado por grandes incertezas e controvérsias, 2021 combinou esperanças concretas em relação a um retorno a chamada normalidade – com o começo da vacinação contra o COVID-19 - com uma sequência de situações que pareciam definhando nossas expectativas de um futuro para a sociedade brasileira – cortes na ciência, inflação alta, crescimento da pobreza, queimadas, intervenções, mortes e mais mortes.

O triunfo da ciência coroado por um conjunto de descobertas de estratégias de produção de vacinas contra a COVID-19 caminhou *pari passu* com o negacionismo de grupos atomizados e, pior, da gestão do atual presidente. Este, a exemplo do que ocorrera desde o início da pandemia, manteve sua postura negacionista ignorando protocolos sanitários em suas visitas à diferentes regiões do Brasil e rejeitando a vacinação como maneira eficaz de conter a pandemia e preservar vidas.

A necropolítica presidencial não se ateve somente ao desdém público do presidente aos protocolos e discursos científicos, 2021 foi marcado pela manutenção de uma severa gestão da escassez na ciência brasileira. A crise na CAPES e no CNPq são evidências concretas dessa gestão. Na CAPES, a Avaliação Quadrienal (principal política de avaliação dos programas de mestrado e doutorado no país) sofre com sucessivas mudanças de gestão e tentativas de intervenção que, associadas aos cortes orçamentários, criam um clima de instabilidade generalizada no órgão e



nos programas de pós-graduação brasileiros. O resultado desse processo foi a recente intervenção judicial e a renúncia de mais de 100 pesquisadoras/es ligadas/os à algumas áreas de conhecimento incluídas na Avaliação Quadrienal.

Os cortes orçamentários da CAPES têm interferido também diretamente no Ensino Básico. Bolsas PIBID e Residência Pedagógica, importantes subsídios para a formação de professoras/es, sofreram com atrasos e informações fragmentadas quanto a possibilidade de pagamento ou não ao longo do ano.

No CNPq a situação não é muito diferente, os remanejamentos de orçamento têm retirado recursos do órgão comprometendo importantes programas de fomento científico como é o caso do Edital Universal, PROEX e das bolsas de produtividade em pesquisa.

Semelhante ao clima que se instaurou na CAPES, outros órgãos têm suas rotinas afetadas não somente pela aridez do orçamento, mas também por tentativas de intervenção direta do governo federal. Essas intervenções apontam para um nítido compromisso da gestão atual em priorizar interesses de alguns grupos, os quais se materializam na expressão que resume de forma bem-acabada o atual governo: “passar a boiada”. Ao longo de 2021, essa expressão ganhou sentido em diversas ocasiões: no aumento expressivo das queimadas na Amazônia e no Pantanal, no debate em torno do Marco Temporal das terras indígenas e no recente caso de intervenção no IPHAN, importante órgão de atuação de antropólogas/os e outras/os cientistas sociais.

Mas, 2021 também cedeu lugar a esperanças. Um olhar retrospectivo sobre este ano, nos permite visualizar futuros menos



sombrios. A vacina e a redução do número de mortes em decorrência da COVID-19 é um bom exemplo. A campanha eleitoral americana também. A derrota de Donald Trump nas urnas americanas reviveu esperanças democráticas por tempos menos conservadores. A vitória de Gabriel Boric, no Chile, nutriu uma sensação doce, quem sabe estaremos às vésperas de uma primavera brasileira em 2022. De qualquer forma, que seja um ano em que a ciência e as universidades brasileiras sigam resistindo.

A equipe editorial agradece imensamente a autora Pepita Machado Arévalo (Ecuador, 1986) - Artista e advogada feminista, que criou a pintura que ilustra a capa desse número: *Mujer con gato dorado*. Acrílico sobre cartón. 2021.

Boa leitura a todas/os/es!

Thiago Barcelos SOLIVA
Patrícia Rosalba Salvador Moura COSTA
Felipe Bruno Martins FERNANDES